

Luigi Pirandello

O BARRETE DE GUIZOS

O HOMEM, A BESTA
E A VIRTUDE

tradução de Isabel Lopes



2018

PIRANDELLO, AINDA E SEMPRE

Fomos tentando, Teatro da Rainha, ao longo dos anos lançar uma colecção de peças de teatro. Não havia entre nós o que pudesse revelar um espectro amplo de possibilidades de fazer – e ler é um modo de começar a fazer - a coincidir com o nosso património clássico e contemporâneo, isto é, português e europeu. Uma colecção de reportório na esteira das referências francesa – l'Arche – e italiana – Einaudi, obviamente reafirmando pelos nossos meios e estado de atraso cultural. Começou por se chamar Cadernos da Rainha e eram edições meio feitas à mão, capas de papel cartonado fino, folhas de papel reciclado e um agrafado ao meio.

Teve várias vidas mas agora está num outro ponto do desejo e da consciência do possível: pretendemos pôr cá fora peças que tenhamos feito e que entendemos possam ser úteis para alunos de teatro, profissionais e amadores de teatro e amantes de ler teatro, que também há. O que restringe a colecção ao nosso fazer e àquilo que dentro disso possa ser mais interessante dar a conhecer como material para frequentar e experimentar. E tivemos o privilégio de encontrar na Companhia das Ilhas, com um projecto editorial centrado na dramaturgia portuguesa contemporânea, e ainda bem, um parceiro de edição aberto ao revelar das nossas práticas. Temos em perspectiva com a Companhia das Ilhas publicar autores universais, Pirandello agora, depois Beckett, Saaz, Crimp, Sarrazac e outros.

Arrancamos com dois Pirandellos, um feito pelo Teatro da Rainha/Cendrev e outro pelo Teatro das Beiras, ambos com tradução da Isabel Lopes. É um autor que está nos antípodas da tradição mesmo que mergulhando nela ao ponto de a estilhaçar por dentro – o teatro dele fez implodir as convenções tornando-as também ficção, mutáveis, a cena e a sala com fronteiras abaladas, os actores a reagirem como personagens e estes como actores, num trânsito em que drama e teatralidade trocam de papéis e onde quando o drama pára, suspenso, começa o teatro dos ensaios: Pirandello é contra-aristotélico e o seu humorismo é o estranhamento antes de Brecht. E vai tão longe quanto a vida tem de força libertária e poesia dentro. Em *O homem da flor na boca*, o carcinoma, a flor, faz despertar uma força criativa que assusta o paca-to cidadão e o envenena de inquietação vital. Nunca mais será o mesmo, a criação é um “cancro” que se cola à nossa pele e contagia como uma peste, em *Esta noite se recita a soggeto* a mistura de realidade e ficção, a confusão deliberada entre teatro e vida, vitalizam o teatro ao ponto de lhe devolver um poder de realidade, de real, que as convenções tinham morto. Nestas duas peças, *O barrete de guizos* e *O homem, a besta e a virtude*, mergulhamos no tema da “traição adúltera”, entramos dentro de um universo que sendo italiano do sul, é nosso, pleno da sombra apodrecida do puritanismo, da omnipresença da moral religiosa – sim, a dessa igreja que fez da pedofilia uma indústria particularmente perversa intra-muros. Mas tudo se reconduz à “normalidade” por vias ínvias, no *Barrete* a esposa enganada que delatara publicamente o caso tem de declarar-se louca – por tê-lo feito – para que o marido da amante do marido, Ciampa, não perca a face, em *O homem, a besta e a virtude*, a gravidez adúltera é resolvida com afrodisíacos num bolo providencial, cumprindo o marido o seu dever sexual já depois da gravidez acontecida, para que a criança que vem seja o fruto aparente de um verdadeiro sémen marital. Duas comédias bem

negras sob ponto de vista da amoralidade que expõem nos enredos delirantes que concebem. Um teatro da convenção burguesa mas anti-burguês, que goza com essa sociedade que estabelece a mentira como norma, necessidade, para tudo continuar como era.

Tive o prazer de fazer *O Homem, a besta e a virtude* no Teatro Garcia de Resende, espectáculo que nessa cidade de um Sul também tocado pelos temas de Pirandello fez todo o sentido fazer. E ainda hoje fará. Pois, os costumes parecem outros, mas realmente assistimos a uma regressão conservadora nos modelos de vida e na liberdade das condutas. Está tudo mais policiado e o que parece mais livre é afinal, por assim dizer, um novo limite do ilimitado território do mercado: a pornografia é uma indústria dominante, assim como o narco-tráfico. Nada mais abrangente que aquilo que a moeda dita. E a moral é de facto um jogo de aparências. No meio disto a vida é necessariamente um teatro. Aqui vai ele.

Um agradecimento muito sentido ao Carlos Alberto Machado que aceitou este desafio, juntando um pequeno contributo nosso ao projecto editorial que dirige e se vem amplificando de diversidades.

Fernando Mora Ramos
Teatro da Rainha